

Casa-Grande & Senzala em tempos temerosos

É assim que me acordo do pesadelo da “ditadura”, ao assistir, no dia 17 de abril de 2016, à aceitação pela admissibilidade do processo de impeachment. Muitos dos 367 votos a favor são dos herdeiros daqueles que defenderam o regime ditatorial e, naquele dia que se “abril”, reuniram-se para dar início ao sepultamento da frágil democracia. A genética dos que votaram a favor é praticamente a mesma dos que levaram Getúlio ao suicídio e Jango a ser deposto. Os argumentos estão no mesmo campo semântico dos que antecederam o regime militar: *moralização da política*, *fim da corrupção* e *amor à família*. Os mais trágicos dos argumentos também lá se encontravam unidos pelos caminhos apologeticos a torturadores, pelas estradas do nepotismo e pelas vielas dos criminosos, colarinhos brancos. Tudo isso, em nome de Deus, da família e do amor à pátria. Votaram, em sua maioria, filhos, netos, irmãos, praticamente todos, pelo amor aos antepassados e aos herdeiros da tradição. Articulados ao movimento rentista do capital internacional e à histórica apropriação do Estado brasileiro, renderam homenagens a seus familiares. Nunca se viu tanto amor à família em um só espaço. Nunca se viu tanta hipocrisia em um só momento. Um coro, um cântico de exaltação ao Estado patrimonial pelos representantes das grandes empresas familiares. Exaltação da *Casa-Grande* como a principal morada de nossas elites.

Casa-Grande erguida pelo doce do açúcar dos latifundiários e o amargo suor do corpo dos trabalhadores. Metáfora do Estado e de seus tentáculos. Feição privatista-familiar, articulada com os agentes do mercado, e que se espalha pelas mais diversas instituições “republicanas” deste país. Nela se encontra o poder do “*pater familias*”. Másculo poder que não aceita minorias em cargos de comando: seja mulher, negro, indígena, LGBT ou pobre. Poder que, nos últimos anos, alinhado com outras forças como a mídia familiar, disseminou o ódio de classe e práticas misóginas como instrumento à participação política no Brasil. Velhas práticas discursivas dos conservadores. Oh! *Casa-Grande!* Espaço, por excelência, da dominação realizada pelo “senhor”. Os seus herdeiros estão no Judiciário, Executivo e Legislativo, nos Tribunais de Contas e no quarto poder. Assumem, como Deus, a característica da onipresença. Por meio deles, inventam-se os discursos de verdades, pautados em mentiras.

Os seus herdeiros possuem o mesmo *habitus* de classe e odeiam políticas que garantem direitos. Afinal, são filhos do privilégio. Nasceram em “berço esplêndido”. Adoram o trabalho dos herdeiros da *Senzala*. Reservam-lhes, quase sempre, as funções de empregadas domésticas, babás, porteiros, entre outros. E se orgulham ao chamá-los de “meus empregados”, a velha mania de tê-los como propriedade. Defendem, em nome do progresso, a terceirização e políticas que reforçam a condição de miséria dos trabalhadores assalariados. Em nome da ordem, e por meio da linguagem jurídica, impõem sua própria força, sem que necessitem pegar em armas. Assim, garantem o progresso à custa da barbárie, velho e atualizado sonho positivista do século XIX. Não admitem alargamento dos direitos.

É por meio do ajuste fiscal, esta palavra de ordem, símbolo da razão de Estado e da eficiência em tempos neoliberais, que realizam cortes de direitos sociais conquistados. Utilizam esse termo sutil para permitir que a *Casa-Grande* continue explorando a *Senzala*.

Sabem que o principal problema do nosso país é a desigualdade, mas a camuflam pelo discurso da corrupção, sem que se criem mecanismos substantivos para combatê-la. Claro! Não iriam cavar a sua própria sepultura cobrindo-se com a terra que dela retiraram.

Sabem, muito bem, que os herdeiros de Zumbi, de João Pedro Teixeira e Margarida Maria Alves conquistaram direitos lutando e que foi pelo sangue derramado que garantiram suas liberdades. Garantir-lhes direitos é como entregar armas nas mãos de quem sabe utilizá-las. Garantir-lhes liberdades é dar asas a pássaros que sabem voar. Este é o motivo da revolta e do ódio da *Casa Grande* contra a *Senzala*: não admitem a libertação dos grilhões que aprisionaram os filhos desta neste país. A forma de contê-los é simples: *aprisionando-os* novamente, se não pelas armas cortantes, pelos cortes gritantes dos direitos à educação, à saúde, à moradia, à previdência, entre outros. É o aprisionamento silencioso, aliás, *temeroso*, em tempos sombrios.

No receituário da *Casa-Grande*, a igualdade permitida acontece entre os iguais. Difere-se, profundamente, daqueles que nasceram na *Senzala* e que dela querem sair. A igualdade, para estes, não pode ser resumida ao espaço da *Casa* e à sua formalidade temporal. É preciso ir mais longe. Caminhando e cantando pelas ruas e seguindo canções que entoem espaços plurais, em praças, *escolas*

com partidos. São nesses lugares que nascem o direito, a política, a democracia e a liberdade. Da *ágora* nasceram a política e a democracia. Os gregos as inventaram. Nós modernos, ao que parece, as deformamos. Limitamos o poder do povo à representação. Limitamos a participação ao poder de votar e escolher, sem que se tenha escolha, as elites para governar. A democracia enquanto “poder do povo, que emana do povo”, no Brasil, nunca esteve tão distante do povo. As ruas e as praças são os lugares onde se realizam as liberdades públicas. Neles os movimentos em movimento têm construído suas batalhas. Porém, em tempos *temerosos*, além dos cortes de direitos sociais, o perigo que nos avizinha é a transformação das esferas públicas em privadas, em seu duplo sentido. E, assim, reproduzindo-se, ainda mais, os privilégios dos herdeiros da *Casa-Grande*.

Tempos *temerosos* são tempos regidos pelos sinônimos: ajuste, sinônimo de progresso; entrega do patrimônio público, sinônimo de eficiência; corrupção, sinônimo de esperteza. E, alguns já concebem corrupção como sinônimo de inteligência; vícios, sinônimos de virtudes. Por meio do uso dos sinônimos, entregam os fundos públicos aos fundos privados; transformam o direito de todos em privilégios de poucos; a *res-pública* em *res-privada*; a democracia em *plutocracia*. Realizam antropofagias jurídicas. Transformam o parlamento em cassino; a ação política em econômica; o público em privado. *Cunha-se* chantagem como instrumento de convencimento. E a justiça cega, fazendo jus à sua simbologia, continua dando os seus passos sem conseguir enxergar. A Casa em que deveriam fazer leis para o povo, transformaram-na em circo e a lona foi rasgada com os gastos da corrupção. O principal ator está envolvido em escândalos e não é mais possível atrair o público. Este já não mais acredita nos personagens desse circo. É preciso, portanto, essa Casa, e isso não se faz sem o público que cansou de assistir a essa encenação. Agora quer participar, pois não se sente mais representado. Exige, assim, reformas na própria Casa. Que esta deixe de ser *Casa-Grande* e se torne a Grande Casa. A *Casa do Povo Brasileiro: multiétnica e multicultural*. A Casa de todos nós e não dos que, historicamente, usurpam e que, mais uma vez, em nome da ordem e do progresso, querem construir um país para poucos e privilegiados. A nossa casa não é a grande, mas é a Grande CASA chamada Brasil.

José Marciano Monteiro
(Prof. Dr. filósofo e sociólogo da Universidade Federal de
Campina Grande – UFCG/CDSA – Campina Grande-PB)
jm.monteiro17@gmail.com